

## O(s) lugar(es) da Análise Dialógica do Discurso na contemporaneidade: focalizando a crise na segurança pública no ES

*The place (s) of Dialogical  
Discourse Analysis in  
contemporaneity: focusing  
on security crisis in Espírito  
Santo*

Guilherme BRAMBILA (UFES)  
[guilhermebrambilamanso@hotmail.com](mailto:guilhermebrambilamanso@hotmail.com)

BRAMBILA, Guilherme. O(s) lugar(es) da Análise Dialógica do Discurso na contemporaneidade: focalizando a crise na segurança pública no ES. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 303-321, jan./jun. 2017.

**Resumo:** Este estudo pretende recuperar os principais pressupostos teóricos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), que está embasada da perspectiva bakhtiniana de estudo da linguagem e que vem sendo trabalhada por pesquisadores do Círculo, indicando seu lugar na investigação em enunciados produzidos no grupo “Utilidade Pública Capixaba”, dentro da rede social *Facebook*, a respeito das mulheres de Policiais Militares que encabeçaram manifestações de apoio à paralisação do serviço de segurança pública no estado do Espírito Santo em fevereiro de 2017. Tal proposta de trabalho está centrada em dois objetivos principais que são i) analisar, em diálogo histórico e social, processos dialógicos de enunciação ocorridos dentro do contexto de caos da segurança pública capixaba e ii) comprovar a atualidade e necessidade da ADD para os estudos da linguagem contemporâneos.

**Palavras-chave:** Análise dialógica do discurso. Dialogismo. Contemporaneidade.

**Abstract:** This study aims at retaking some of the main theoretical principles of Dialogical Discourse Analysis (DDA), which is based on Bakhtin's language studies perspective and has been worked by researchers of Bakhtin's Circle, indicating its investigation place on statements, produced in "Utilidade Pública Capixaba" Facebook group, about military policemen's wives that headed protests in support of public security service strike in the state of Espírito Santo in February 2017. This work purpose is centered on two main objectives that are i) analyzing, in a social and historical dialog, dialogical utterances processes in the context of the capixaba public security chaos and ii) ascertaining the currentness and need for DDA in contemporary language studies.

**Keywords:** Dialogical discourse analysis. Dialogism. Contemporaneity.

## Introdução

No dia 05 de fevereiro de 2017, a população capixaba foi surpreendida pelo movimento de paralisação dos serviços da Polícia Militar (doravante PM) em todo o estado do Espírito Santo. Os familiares dos PMs, incluindo, principalmente, suas esposas, realizaram um ato de bloqueio em frente aos quartéis, o que impediu a saída dos agentes para o patrulhamento da segurança.

A estratégia do posicionamento das esposas na linha de frente dos protestos pró-PMs está, também, articulada à lei federal que impede que a categoria, que é essencial para a ordem pública, se sindicalize e/ou entre em greve, conforme observamos no recorte da Constituição:

**Art. 142.** As Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, e destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem.

**IV** - ao militar são proibidas a sindicalização e a greve (BRASIL, 1988).

Diante da circunstância legal e tendo o serviço dos PMs impedido pelo bloqueio, o estado do Espírito Santo passou a ser alvo de saques, arrastões e atos de violência que se instauraram tanto na área metropolitana quanto no interior. Tais atos de desordem, comprovados pelo número de mortes violentas que subiu consideravelmente desde o início da paralisação, colocaram o cidadão capixaba em situação de insegurança e medo.

Naturalmente, e como consequência das interações multifacetadas que a contemporaneidade proporciona, as redes sociais tornaram-se palco de constantes discussões, de troca de informações e até de humor, nas quais os sujeitos, especialmente capixabas, dialogavam com a circunstância de caos da segurança pública.

Temos, com isso, o processo de voz e vez dado ao sujeito inserido na esfera de interação virtual, já que pode não apenas receber informações, mas também emitir suas opiniões, aceitar ou recusar as considerações do outro e realizar suas percepções discursivas e ideológicas a respeito da sociedade, de outros sujeitos e de demais eventos. É o que também afirma Reis (2013, p. 42):

Durante quase todo o século XX, a cultura de massa instituiu uma lógica na qual o discurso e o conteúdo presente nos produtos culturais midiáticos tendiam à padronização dos saberes [...] Agora, na contemporaneidade, vemos uma mudança considerável na forma de recepção desses saberes, consolidada pela convivência e pela interação das mais diferentes culturas nos espaços digitais.

É dentro dessa constante fluidez nas formas de interação social ocorridas na esfera virtual que os estudos linguísticos também precisam caminhar para manter suas inquietações vivas e em diálogo com as diferentes demandas sociais que surgem pela via da linguagem na contemporaneidade.

Seguindo essa premissa, o estudo aqui proposto tem a motivação principal de trazer, através da esfera interativa virtual, situada neste caso especificamente na rede social *Facebook*, um estudo de postagens no grupo “Utilidade Pública Capixaba”, que foram emitidas no decorrer dos protestos dos familiares dos PMs em fevereiro de 2017.

Especificamente, traremos postagens, resultado de uma seleção qualitativa, devido ao grande número de publicações ocasionado pela reação popular à paralisação dos PMs, referentes às esposas desses servidores, que, segundo a mídia e o próprio governo estadual, são acusadas de serem as únicas causadoras do movimento de greve por impedirem a saída dos agentes de seus quartéis.

Para dar conta desse momento de tensão e conflito político, discursivo e, sobretudo, ideológico, valeremo-nos da Análise Dialógica do Discurso (ADD), que encontra suas bases filosóficas nos postulados de Bakhtin (2014 [1929]) e em pesquisadores do Círculo, como Brait (2006) e Sobral e Giacomelli (2016).

Buscamos, com um *corpus* consideravelmente recente, alcançar dois objetivos principais. O primeiro deles diz respeito à tentativa de se

averiguar a importância e a urgência em se dialogar com enunciados em circunstância viva de acontecimento. Buscamos, com isso, despertar no leitor a necessidade de pensar os estudos linguísticos como uma ferramenta que não apenas sirva para lidar com análises que visem a uma contribuição em longo prazo, mas que também tenha seu lugar para questões imediatas, conflituosas e/ou calamitosas, exigindo análises que alcancem tais urgências de tempo e espaço.

O segundo motivo está pautado em colaborar na comprovação da identidade, sobretudo, contemporânea dos pressupostos da ADD. Apesar de já contarmos com trabalhos de Brait (2006), Sobral e Giacomelli (2016), Rohling (2014) e demais pesquisadores que mostram com excelência a aplicabilidade da ADD na contemporaneidade, percebemos a importância de colocar essa proposta de análise sempre à prova para que discutamos, inclusive, os próximos passos que a ADD ainda pode vislumbrar em sua colaboração social para com os estudos linguísticos.

Identificadas, portanto, as expectativas desse trabalho, buscaremos nas próximas linhas organizar as discussões do estudo em duas partes. Na primeira, de caráter mais reflexivo, traçaremos uma retomada sucinta dos pressupostos da ADD, trazendo, inclusive, suas interfaces com questões da contemporaneidade. A segunda parte, por sua vez, busca verificar o lugar da ADD na análise de enunciados emitidos em contextos sociais reais, na constante busca de comprovar sua necessidade e importância para a sociedade. Realizaremos essa segunda etapa de maneira mais prática, por meio da análise das postagens sobre as esposas dos PMs na rede social *Facebook*, realizadas dentro do período de conflito social causado pela paralisação do serviço de segurança pública do estado.

### **A Análise Dialógica do Discurso (ADD): uma necessidade na contemporaneidade**

Nas linhas seguintes, recuperaremos os pressupostos filosóficos que dão forma à ADD, inclusive recuperando vozes contemporâneas de pesquisadores do Círculo que mantêm essa proposta de análise tão viva, comprovando sua relevância social, principalmente para os estudos da linguagem.

Conforme já pontuamos anteriormente, a perspectiva dialógica de análise tem sua base filosófica nos postulados de Bakhtin e o Círculo como sua força motriz de trabalho. É uma primazia desse processo de análise investigar os signos e os enunciados para além de um mero

purismo linguístico em busca de refletir, principalmente, sobre as redes ideológicas com as quais os sujeitos dialogam para produzi-los em esferas reais de interação.

Encontraremos na produção de Bakhtin um diálogo constante com a questão ideológica envolvendo a linguagem, como ocorre em *Estética da Criação Verbal* (2011 [1992]) e em *Marxismo de Filosofia da Linguagem*<sup>1</sup> (2014 [1929]), por exemplo.

Bakhtin (2014, p. 31), ao afirmar que “tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo [...] tudo que é ideológico é um *signo*. Sem signos não existe ideologia (grifos do autor)”, nos faz um convite à reflexão de que o processo ideológico do sujeito não consiste apenas de questões relacionais interiores, de maneira individualista, o que beiraria a um *psicologismo*. Em contrapartida, percebemos que Bakhtin demarca fortemente a questão social como fator impactante para o processo de significação ideológica tida por esse sujeito.

Assumindo o caráter não individualista do sujeito que enuncia ideologicamente tais signos, poderemos considerar que a ideologia, em Bakhtin, não se limita a fazer uma mera revelação imediata e/ou descritiva do sujeito, traçando um perfil cartesiano de uma possível identidade estagnada em valores imutáveis. Contrariamente, o valor ideológico do signo bakhtiniano é um resultado reflexivo e refratante de tensões discursivas que ocorrem na interação de sujeitos reais e em reais circunstâncias de enunciação.

Bakhtin, ainda, afasta suas considerações de uma perspectiva adâmica do signo e de sua respectiva constituição ideológica. “[...] compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de outros signos” (BAKHTIN, 2014, p. 34). Temos nessa afirmação um encaminhamento do que vem a ser uma das perspectivas bakhtinianas em relação à ideologia: o compromisso com a responsividade.

Ao posicionar o ato de responder, como o conhecemos corriqueiramente, chegamos ao senso comum de que este existe por conta de uma pergunta e/ou questionamento precedente. Partindo dessa compreensão, poderemos, também, enxergar que o signo ideológico

<sup>1</sup> Afirma-se, aqui, a consciência a respeito das diversas discussões existentes em torno da coautoria com Valentín Volochínov de *MFL*, mas optou-se por não fazer nenhuma inserção no texto como forma de se ater à proposta.

e, conseqüentemente, o sujeito, também ideológico, *existem* discursiva e socialmente por conta de sua constante resposta a um dito anterior, como em um diálogo constante que urge por respostas.

A própria noção de *diálogo* em Bakhtin requer nossa atenção. Faraco (2009, p. 68) nos elucida sobre em que se baseia a perspectiva bakhtiniana em torno do termo:

[...] é necessário lembrar ainda que a palavra **diálogo**, no uso corrente, tem também uma significação social marcadamente positiva, que remete a 'solução de conflitos, a 'entendimento', a 'geração de consenso'. Ora, essa significação também não ocorre como tal no pensamento do Círculo de Bakhtin. Seus membros não são, portanto, teóricos do consenso ou apologistas do entendimento. Ao contrário, tentam dar conta da dinâmica das relações dialógicas num contexto social dado e observam que essas relações não apontam apenas na direção de consonâncias, mas também das multissonâncias e dissonâncias. Delas pode resultar tanto a convergência, o acordo, a adesão, o mútuo complemento, a fusão, quanto a divergência, o desacordo, o embate, o questionamento, a recusa (grifo do autor).

Aproximamo-nos, portanto, da proposta de diálogo em Bakhtin quando o colocamos sob o prisma da tensão dos discursos e, principalmente, das ideologias que se percebem e podem vir a convergir de maneiras multifacetadas conforme circunstâncias sociais e históricas.

Dessa forma, o diálogo em Bakhtin é o lugar de relação em que os sentidos e as ideologias construídos pelos sujeitos em suas interações são colocados em tensão e em potencialidade, já que o termo contempla não apenas a existência de um Eu que emite seus enunciados, mas também de um *Outro* autêntico e vivo que recebe ativamente tais enunciados e os responde prontamente nessa dinâmica.

Outra pontuação pertinente às relações dialógicas que se dão por meio dessa justaposição de enunciados é sua clara cisão com noções dicotômicas, como nos elucidam Morson e Emerson (2001):

Uma das muitas objeções de Bakhtin à divisão saussureana da linguagem em *langue* (o sistema) e *parole* (o ato discursivo individual) é que este modelo leva a uma ideia errônea do enunciado. Particularmente, isso endossa uma visão tradicional que o enunciado é uma *instanciação* do sistema linguístico, o que implica que enunciados são acumulações mecânicas compostas de unidades da língua (palavras, sentenças, etc.) (MORSON; EMERSON, 2001, p. 125, tradução nossa)<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> One of Bakhtin's many objections to the Saussurean division of language into *langue* (the system) and *parole* (the individual speech act) is that this model leads to a fundamental misconception of the utterance. In particular, it endorses a traditional view that the utterance is an instantiation of the linguistic system, which in turn implies that utterances are mechanical accumulations composed of units of language (words, sentences, etc.).

Com isso, compreendemos o enunciado em Bakhtin como aquele que tem compromissos muito maiores com a dinamicidade da vida, que é dialógica. Tal proposta relaciona-se, também, com a dinâmica da resposta à qual o dialogismo está atrelado.

[...] toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz alta (BAKHTIN, 2011, p. 271).

A percepção bakhtiniana sobre o enunciado nos mostra que este é, ao mesmo tempo, concreto e dissociado de um sistema. A concretude se dá por conta de sua ligação intrínseca com as práticas sociais, que se dão no dinamismo intersubjetivo da comunicação. Entretanto, o mesmo processo enunciativo se dá dentro de práticas sociais que podem se manifestar de formas diferentes. Isso se torna ainda mais compreensível quando atentamos ao fato de que os sujeitos, ao enunciar, partem de ideologias fomentadas por contextos históricos e sociais variáveis, o que coloca em xeque qualquer proposição de estruturação do enunciado dialógico.

A enunciação, processo no qual esses enunciados dialógicos se constituem, nos é elucidada por Bakhtin (2014, p. 128) no trecho:

[...] por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.). Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. (Grifo do autor).

Após essa rápida retomada do que pode ser identificado como ponto de partida da perspectiva dialógica bakhtiniana, seguimos para vozes mais contemporâneas para alcançarmos melhor esclarecimento em torno da ADD.

Partindo da contextualização dada até aqui, percebemos que o termo *dialogia*, em Bakhtin, está envolvido em processos interativos, cercados de tensões, que não estão comprometidos com uma busca de gênese ou linha final do enunciado. Contrariamente, tem-se no processo dialógico de enunciação uma rede de ideologias que se inter cruzam de maneira democrática e polifônica e constroem, concomitantes à interação real, o discurso do sujeito, que é, portanto, dialógico.

Tendo o prisma da dialogia como base da ADD, perceberemos em sua constituição uma orientação que também não será fechada ou devidamente segmentada, como ocorre na Análise do Discurso de linha francesa (ROHLING, 2014). É o que também afirma Brait:

Sem querer (e sem poder) estabelecer uma definição fechada do que seria essa análise/teoria dialógica do discurso, uma vez que o fechamento significaria uma contradição em relação aos termos que a postulam, é possível explicar seu embasamento constitutivo, ou seja, *a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos* que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de *forma comprometida, responsável*, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas. (BRAIT, 2006, p. 10, grifo nosso).

Encontramos, nas palavras de Brait, colocações bastante pertinentes a respeito da ADD e que foram devidamente grifadas. O primeiro destaque encontra-se na admissão, por parte da ADD, do caráter não cartesiano das relações humanas ocorridas na/pela linguagem. Encontramos, portanto, na ADD, uma percepção em torno da linguagem como altamente constitutiva das relações humanas, sendo impossível dissociá-las.

Outra pontuação que é pertinente sobre a ADD é a responsabilidade social contida em seu processo de análise. Ao considerar as tensões das relações humanas, perceberemos na ADD, conseqüentemente, sua tentativa constante de atenção às questões ideológicas e sociais que as fomentam. Com isso, percebemos uma proposta de análise que prima pelas relações humanas em seu acontecimento real, bem como a linguagem, vista, aqui, como elemento que mantém essa relação ainda mais viva. Rohling (2014, p. 47) nos elucida melhor essa questão quando afirma que “(...) a análise inclui um olhar particular para as práticas discursivas, ou seja, para as enunciações concretas e, ao mesmo tempo, leva em conta os contextos mais amplos de produção e circulação dos discursos”.

Sobral e Giacomelli (2016, p. 1077) contribuem de maneira significativa para nossas leituras em torno da ADD através de um esquema que explica resumidamente a proposta da análise:

- (1) O enunciado (e não a frase) é a unidade de análise da ADD, porque os sujeitos falam usando enunciados.
- (2) Os enunciados são usados pelos sujeitos na interação, que é a base das relações dialógicas.
- (3) Na interação, usando enunciados, os locutores recorrem a signos, que, na ADD, são sempre ideológicos, no sentido de

- marcados por uma avaliação social;
- (4) Na interação, os locutores usam signos ideológicos em enunciados de acordo com os gêneros do discurso, definidos como formas relativamente estáveis de enunciados.

Percebemos, com isso, que a ADD não investiga enunciados dentro de um prisma finito de observação. Entretanto, e como esse trabalho pretende mostrar, tal proposta de observação não deixa de atender a questões próprias da pesquisa, como a delimitação do *corpus* que se observa. Por outro lado, e mesmo dentro dessa noção de limite, encontraremos no trabalho da ADD um cuidado com a não reificação das relações humanas dadas na e pela linguagem, atentando-se às circunstâncias sociais e discursivas que estão no seu entorno.

Além da constante tentativa de comprovar o quanto a ADD tem a contribuir contemporaneamente, não só aos estudos da linguagem, mas à sociedade de maneira geral, trazemos para a parte final da seção mais algumas considerações de Rohling sobre a interface da ADD com a perspectiva dialógica de linguagem proposta por Bakhtin e o Círculo:

- O estudo da esfera de atividade humana, em que se dão as interações discursivas em foco;
- A descrição dos papéis assumidos pelos participantes da interação discursiva, analisando as relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores na produção de discurso;
- O estudo do cronotopo (o espaço-tempo discursivo) dos enunciados;
- O estudo do horizonte temático-valorativo dos enunciados;
- A análise das relações dialógicas que apontam para a presença de assimilação de discursos já-ditos e discursos prefigurados, discursos bivocais, apagamentos de sentidos, contraposições, enquadramentos, reenunciação de discursos e reacentuações de discursos (ROHLING, 2014, p. 50).

Definimos, com isso, alguns parâmetros que regem a ADD. Não nos propomos, aqui, a uma tentativa de *escaneamento* total de todas as possibilidades e potencialidades que essa análise abarca, mas, ao

menos, de elencar alguns pontos de nosso interesse e que, certamente, colaborarão para as próximas etapas do artigo, em que buscaremos situar de maneira prática o lugar da ADD no estudo de enunciados em contextos sociais caóticos.

Definimos aqui que não buscaremos uma aplicabilidade metódica e cartesiana das perspectivas da ADD sobre os enunciados, mas sim a construção de um olhar dialógico que se atente a noções basilares da análise dialógica, que são o reconhecimento do caráter ideológico do signo e do processo de enunciação pressuposto à interação intersubjetiva. Isso, certamente, não exclui a retomada de parâmetros investigativos da ADD e promove o caráter inter e transdisciplinar do estudo linguístico baseado nessa interface.

### **As postagens sobre crise a segurança pública capixaba: uma análise dialógica**

A partir da retomada sucinta de alguns pressupostos que regem a perspectiva bakhtiniana em torno da linguagem, bem como alguns pontos que tangem a ADD, seguiremos para nossa análise de dados, em que almejamos não apenas voltar nossos olhares para a situação de caos da segurança pública ocorrida no estado do Espírito Santo, mas também reafirmar o lugar e a importância da ADD em estudos como esse, comprovando sua eficácia para trabalhos endereçados a circunstâncias calamitosas de interação, contribuindo socialmente.

O estudo realizado também se afirma em um constante *devoir* constitutivo. Em outras palavras, a análise dialógica realizada no *corpus* deve ser enxergada como uma contribuição de parâmetro indiciário (GINZBURG, 1986), em que os dados obtidos são observados como dialógicos e potenciais para fornecer indícios de problematizações futuras.

Como já foi contextualizado em linhas anteriores, o lugar de enunciação do qual partimos se encontra na crise de segurança que se instaurou na primeira semana de fevereiro de 2017 no estado do Espírito Santo, tanto na área metropolitana quanto no interior. A paralisação dos serviços da PM – ocorrida de maneira indireta, já que foi promovida pelo bloqueio da saída dos militares do quartel por suas esposas e familiares, principalmente – foi assunto não apenas do jornalismo local, como também da mídia nacional e internacional.

Nas redes sociais não foi diferente. Especificamente na rede

social *Facebook*, o assunto esteve em constante circulação, geralmente acompanhado de imagens, vídeos, de *hashtags* como #orempeloes, #espedesocorro e afins.

Como toda arena discursiva, o grupo “Utilidade Pública Capixaba”, existente no *Facebook*, foi um dos locais de maior circulação de informação e posicionamentos, ora pró ora contra o movimento. O grupo que, até a presente data, conta com mais de 200 mil membros, incluindo capixabas, em sua maioria, tem uma política aberta de postagem, o que significa que qualquer membro tem a possibilidade de tornar públicos seus enunciados sem um julgamento prévio ou, nos termos da própria rede social em questão, uma moderação.

Tal característica nos remete, inclusive, ao dialogismo bakhtiniano que é também manifestado pelo caráter democrático do Eu que fala e do Outro que responde. Entretanto, cabe o questionamento: seria essa democracia dialógica um componente colaborativo para o caos?

Apesar de estar constatado, não só pelos postulados de Bakhtin, como também pelas contribuições de pesquisadores do Círculo, que as dissonâncias são, sim, uma parte integrante do dialogismo, é necessário que recubramos o lugar da alteridade dentro dessa dinâmica também. Para tal elucidação, recorreremos a Geraldi (2004, p. 50), que afirma:

Obviamente defender a dialogia enquanto relação entre um eu e um tu, não quer dizer defender o consenso ou defender que todo o diálogo se faz harmoniosamente. Ao contrário, ambos os autores reconhecem que há polêmica, há lutas de classes, há interesses antagônicos entre as partes em diálogo. No entanto, ambos defendem que um e outro pólo se constituem concomitantemente, um pólo não existe sem o outro.

Dessa forma, os sujeitos que se relacionam na/pela linguagem sem levar em consideração a questão da ética, que consiste na recusa de apagamentos, da diminuição e de outras formas de descrédito ao lugar legítimo de enunciação do Outro, estarão contribuindo para a fomentação de uma dinâmica não dialógica de interação.

Essa consideração é de extrema importância para a análise que iremos realizar. Devido às proporções que a crise da segurança pública no ES chegou por conta da paralisação da PM, várias questões foram lançadas e debatidas no grupo do *Facebook* mencionado. Como medida de focalização, selecionamos algumas postagens que diziam respeito às esposas dos PMs, acusadas pela mídia e por considerável parte da população como pivôs de todo o caos da ordem pública.

Antes de seguirmos para os recortes, é importante pontuar

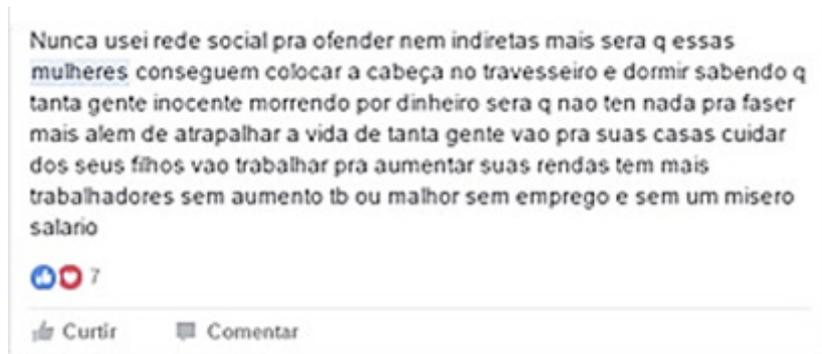
algumas questões sociais que dizem respeito à cultura de violência à mulher que é latente no Espírito Santo e que precisa ser considerada como parte do estudo, pois é imprescindível que, dentro de uma análise dialógica, busquemos, de fato, dialogar com o que ronda o sujeito e seus enunciados, na tentativa constante de elucidar suas motivações discursivas.

De acordo com dados do *Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*, o Espírito Santo é o 2º estado com maior taxa de homicídios femininos no país, com 9,3 homicídios a cada 100 mil mulheres. Os dados são referentes ao ano de 2013, o mais recente apresentado na pesquisa.

Tais dados já nos deixam alertas para questões ideológicas que muito provavelmente circulam no dia a dia de boa parte dos capixabas. Questões essas que, aliadas a contextos de desordem pública, como os protestos das esposas dos PMs, podem vir a ser exteriorizadas muito mais facilmente, já que estão no campo discursivo e ideológico dos capixabas.

Munidos dessas informações, prossigamos para a análise das postagens. Os nomes serão propositalmente cobertos, apesar de deixarmos visíveis as interações que as postagens receberam (através dos ícones de interação *curtir*, *amar*, *odiar* etc.):

Figura 1: postagem do Facebook 1



Nesta primeira postagem, feita por uma mulher, percebemos já na primeira linha uma justificativa para a ação que ainda seria feita. Ao afirmar “nunca usei rede social para ofender nem indiretas”, a autora deixa transparecer sua consciência e afirmação sobre o caráter interativo da plataforma em que fará a postagem. Percebemos, com isso, e dentro de uma perspectiva dialógica de observação ao enunciado publicado, que a realização de um *mea culpa* reflete o conhecimento da autora de que suas falas poderão, sim, conter proposições que vão contra o respeito mútuo e/ou não ser bem acolhidas pelos que a leem.

Essa observação se realiza de maneira ainda mais concreta tendo os pressupostos da ADD como prisma de observação, já que essa análise se constrói reconhecendo que as interações partem do reconhecimento legítimo do Outro que interage com o Eu. Ainda, e retomando os pressupostos traçados por Sobral e Giacomelli (2016) em linhas acima, pela ADD temos a elucidação de que o enunciado da postagem reflete e refrata as ideologias e os valores que a autora possui e de que, pela tensão cronotópica do caos, estaria disposta a abrir mão.

É interessante, ainda, refletir sobre a interação viva que os sujeitos realizam com a esfera discursiva em que se encontram. Tão forte pode ser essa interação que as próprias questões ideológicas e valores sociais passam a ser flexibilizadas para a realização da vontade de diálogo a que o sujeito se propõe.

Além disso, é possível que pontuemos nessas primeiras palavras uma tensão dialogal e ideológica da autora consigo mesma. Apesar de reconhecer que não é de seu feitio fazer esses tipos de comentários na internet, ela toma para si uma espécie de função social que a chancela a criticar as esposas dos PMs por seus protestos por melhores condições de trabalho e remuneração a seus maridos.

Essa tensão do Eu consigo mesmo pode ser bem compreendida, em termos bakhtinianos, como a polifonia dos discursos que constituem esse sujeito. No processo dialogal de escolha subjetiva de seus enunciados, o sujeito pode, inclusive, demonstrar sofrimento ou incômodo com essas escolhas já que se conscientiza de que a exteriorização de tais enunciados, quando postos na arena de interação, poderão ser positiva ou negativamente respondidos pelos Outros que os recebem ativamente.

Adiante, a autora utiliza do modo imperativo, dentro de uma configuração informal de uso, para orientar qual o verdadeiro lugar das esposas. Em “vão para sua casa cuidar dos seus filhos”, a autora revela em sua postagem um dos preceitos ideológicos que a acompanham nesta crítica: o da configuração patriarcal da família, em que o marido (PM) trabalha e a esposa cuida da casa e dos filhos.

Ao posicionarmos esse enunciado dentro de uma lente dialógica de observação, perceberemos na prática o quanto o sujeito é responsivo e munido de motivações próprias de sua subjetividade para constituir a polifonia de seu discurso. Isso é claramente justificado na continuação da postagem em “vao [sic] trabalhar para aumentar suas rendas”. Ora, uma proposta de viés mais cartesiano em torno desse sujeito muito provavelmente não encontraria elementos suficientes que dessem conta

de analisar parâmetros ideológicos tão antagônicos em uma só sentença.

Da mesma forma que a autora sugere que as esposas dos PMs busquem obrigações domésticas, como o cuidado dos filhos, esta também indica que elas devem ir trabalhar para ganhar uma renda extra, o que claramente se apresenta como um choque ideológico, mas que nem por isso deixa de estar presente em sua enunciação.

No prisma da ADD, como bem apontado por Rohling (2014), traremos nossos olhares não apenas aos enunciados em si, mas aos reenquadramentos e processos enunciativos que atribuem cargas valorativas, regidas por forças ideológicas, políticas, históricas e sociais, que os formulam e os constituem. O sujeito, que é dialógico e polifônico, mantém esse caráter em suas interações que ocorrem pelo inter-relacionamento de seus enunciados com os dos Outros.

Essa percepção e reconhecimento de discursos que podem partir de lugares diferentes de enunciação, mas que, por escolhas próprias da subjetividade do enunciador, podem se chocar em um mesmo enunciado, compõem uma das buscas fundamentais da ADD, como Brait (2006, p. 13) nos elucida:

(...) esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macroorganizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados.

Feitas essas considerações sobre a primeira postagem, sigamos para a próxima:

Figura 2: postagem do Facebook 2



Nessa segunda postagem, também de uma mulher, percebemos outro caráter importante do dialogismo inerente às relações humanas: a interação responsiva concomitante ao apelo por resposta.

Notemos que a própria conjugação verbal optada pela autora em questão nos sugere a interação do *Eu* com um *Tu*. Devemos, entretanto, nos lembrar de

que, em muitos dos casos, o contexto das postagens em redes sociais, quando não direcionado para um interlocutor específico, é formado por um sujeito que aparentemente monologa sem saber ao certo as proporções de interações que lhe serão dadas, ou se ao menos haverá alguma.

Neste caso, a autora toma para si uma consciência interativa e enuncia às esposas que protestam, emitindo sua opinião. Observamos que não há um indicativo textual e/ou imagético de que a referida postagem está respondendo a algo/alguém específico, mas, em diálogo com o contexto social, percebemos facilmente que há, sim, uma resposta que se dirige à situação em questão. Com isso, observamos que a responsividade do sujeito não precisa se manifestar propriamente em relação a enunciados verbais ou a elementos explicitamente dados.

Ainda, a postagem da autora apresenta-se com um tom provocativo, representado por “tem muitas tem [sic] famílias desempregadas que fazem alguma coisa pra ajudar seus maridos”. Em análise a essa proposição, notamos que há uma avaliação por parte da autora em relação às esposas dos PMs, já que julga, dentro de um conjunto de valores ideológicos próprios de seu lugar de enunciação, que há uma série de medidas para ajudar os maridos, mas que o protesto pela melhoria de sua qualidade de trabalho não pode ser inserida neste quadro.

A próxima postagem agrega um elemento interessante à análise, pois é somada de um elemento imagético à constituição do enunciado. Vejamos:

Figura 3: postagem do Facebook 3



Na imagem, é possível que vejamos um grande tanque de lavar roupa sendo carregado por um caminhão. Na postagem, de autoria de um homem, percebemos uma tentativa de sarcasmo com a polissemia da palavra “tanque”. Caso a postagem contasse apenas com o escrito, muito provavelmente o autor não alcançaria suas intenções interativas, que consistiam em satirizar o lugar da mulher na sociedade e reforçar alguns pressupostos da cultura machista.

Em uma análise dialógica, retomamos o que foi afirmado por Brait (2006) a respeito da atenção às possibilidades de reenquadramento do signo, o que inclui novas roupagens ideológicas deste. Percebemos, com isso, que não estamos tratando de um sujeito assujeitado, como proporia uma análise do discurso de linha francesa, mas sim, de um sujeito dialógico que tem capacidades de interagir ativamente não só com os sujeitos, mas com os signos que ele se dispõe a utilizar para construir seus enunciados. Cabem às perspectivas ideológicas desse sujeito agir para que o signo seja (re) construído e (re) constituído a fim de que dê conta das proposições de sua subjetividade.

Outro aspecto interessante encontra-se na verbo-visualidade (BRAIT, 2013) da postagem e suas contribuições para a análise dialógica. A respeito da análise verbo-visual, Brait (2013, p. 51) afirma que:

[...] é um estudo que procura explicar o verbal e o visual casados, articulados num único enunciado, o que pode acontecer na arte ou fora dela, e que tem gradações, pendendo mais para o verbal ou mais para o visual, mas organizados num único plano de expressão, numa combinatória de materialidades, numa expressão material estruturada [...].

Notamos que esse *casamento* do verbal com o visual também é percebido na postagem acima e que juntos são contribuintes para que o enunciado seja dialogicamente eficaz. Na postagem em questão, percebemos que o imagético não cumpre seu papel enunciativo e não alcança as motivações discursivas do sujeito se não for prontamente articulado ao verbal. Da mesma forma ocorre com o enunciado escrito em relação à imagem.

Seguimos, portanto, para a última postagem selecionada, em que perceberemos uma tomada de posição diferente das anteriores:

Figura 4: postagem no Facebook 4



O posicionamento da autora, aparentemente favorável e mais empático ao movimento das esposas, mostra-se como um elemento importante para comprovarmos o quanto é necessário lançarmos um olhar dialógico em relação ao que nos propomos a analisar.

Vemos aqui um rompimento com aquilo que vinha sido defendido por considerável parte do grupo – a contrariedade ao movimento das esposas dos PMs – o qual usa de argumentos que se aproximam da subjetividade e humanidade daquelas que são alvo da crítica para alcançar seus efeitos discursivos.

Notamos que o uso de termos como “tb estão no prejuízo”, “estão tristes” e “Querem acabar com isso”, por exemplo, mostram-se como estratégias argumentativas da autora para alcançar em seus interlocutores pontos de conexão ideológica e emotiva com as pessoas que eles tanto criticam. Há, aqui, uma tentativa de reenquadramento do contexto de crise em favor da perspectiva das acusadas, para que se reestabeleçam certos valores de alteridade e, conseqüentemente, adesão à causa defendida.

Outro ponto interessante que cabe ser mencionado é que notamos que, em uma circunstância enunciativa não acusatória, há um afastamento do estereótipo – como a colocação do lugar da mulher nos afazeres

domésticos – e uma constante intenção enunciativa de aproximação e humanização dos que são julgados, ilustrada pela referência aos sentimentos.

Entretanto, como arena dialógica que é, percebemos pelas reações (ilustradas pelos ícones de interação *curtir*, *amar* e *odiar* já mencionados) que o posicionamento não teve um acolhimento positivo unânime, o que nos faz refletir que, mesmo dentro da existência de uma pluralidade de diálogos em tensão, haverá certas redes ideológicas de mais adesão e que, conseqüentemente, terão mais peso no andamento das discussões e nas tomadas de posicionamento coletivo.

### **Considerações finais**

As considerações aqui trazidas sintetizam as experiências dialógicas obtidas no uso da ADD no estudo de interações realizadas em um contexto de caos, como foi o da crise da segurança pública capixaba.

Dessa forma, é possível considerar que a utilização da ADD nesse tipo de análise mostra-se fundamental para estudos que, de fato, se preocupem com a subjetividade e com os processos dialógicos que ocorrem por meio da interação concreta, nos mais diversos contextos de ocorrência.

Ainda, a ADD se revela consideravelmente relevante para a análise de interações que se dão em circunstâncias de caos social, pois, dentro de sua perspectiva analítica, se importa com não apenas o linguístico em si, que já nos diz muito, mas também se compromete com circunstâncias históricas e sociais que podem, inclusive, dizer tanto ou mais que o próprio enunciado em questão.

Com isso, foi possível verificar que o prisma dialógico bakhtiniano abarca uma vasta possibilidade de contribuição linguística e social, sendo bastante cabível para propostas interdisciplinares de análise, já que admite o caráter reflexivo e refratante das relações humanas na/pela linguagem.

## Referências

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRAIT, B. Análise e Teoria do Discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: Outros Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, p. 9-31, 2006.

\_\_\_\_\_. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**: Revista de Estudos do Discurso, v. 8, p. 43-66, 2013.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

FARACO, C. A. **Linguagens e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GERALDI, J. W. Paulo Freire e Mikhail Bakhtin - o encontro que não houve. In: GERALDI, J. W.; CORTEZÃO, L. *et al.* (Org.). **Diálogos através de Paulo Freire**, 3. ed. Porto - Portugal: Edição Instituto Paulo Freire de Portugal e Centro de Recursos Paulo Freire da FPCE, v.1, p. 37-52, 2004. Disponível em: [http://www.ipfp.pt/publicacoes/N\\_3%20Dialogos%20atraves%20de%20Paulo%20Freire.pdf](http://www.ipfp.pt/publicacoes/N_3%20Dialogos%20atraves%20de%20Paulo%20Freire.pdf) [Último acesso: 14/02/2017].

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MORSON, G. S.; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin**: Creation of a Prosaics. Stanford University Press. Stanford, California, 2001.

REIS, C. Alteridade, cultura e mídia digital. In: **Cadernos do II EEBA**. 2ª ed. São Paulo: Pedro & João Editores, cap. 9, p. 42-50, 2013.

ROHLING, N. A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. **Cadernos de Linguagem & Sociedade**, v. 15, n. 2, p. 44-60, 2014.

SOBRAL, A.; GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso - ADD. **Domínios de Lingu@Gem**, v. 10, p. 1076-1094, 2016.

UTILIDADE Pública Capixaba (Grupo de rede social). **Facebook**. Postagens recolhidas entre 05 e 10 de fevereiro de 2017.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2015**: homicídio de mulheres no Brasil. 1. ed. Brasília - DF: FLACSO Brasil, 2015.

Recebido em: 14 de fev. de 2017.

Aceito em: 24 de ago. de 2017.